

Filosofia e filosofia espírita

Os conceitos filosóficos podem nos ajudar a responder à pergunta básica:
qual é a finalidade da minha existência?

Por: **María Rosa Cardoso**

Professora do curso de Filosofia Espírita
do Núcleo Espírita de Estudos
e Assistência 22 de Setembro.

Diagramação: **Joaquim Roddil**

A história da filosofia faz a síntese com a Doutrina Espírita que é Ciência, Filosofia e Religião.

A origem do conceito de filosofia está na sua própria estrutura verbal, ou seja, na junção das palavras gregas *philos* e *sophia*, que significam “amor à sabedoria”. Filósofo é, pois, o amante da sabedoria.

Mas o que é a sabedoria?

É um termo que significa erudição, saber, ciência, prudência, moderação, temperança, sensatez, enfim um grande conhecimento.

Na própria Grécia Antiga o termo filosofia passou a designar não apenas o amor ou a procura da sabedoria, mas um tipo especial de sabedoria. Aquela que nasce do uso metódico da razão, da investigação racional em busca do conhecimento. Método usado por Kardec para a realização da Codificação, usando atitude filosófica:

Atitude significa comportamento, postura, modo de proceder de uma pessoa. No âmbito da filosofia, são os questionamentos que fazemos com relação a nós mesmos, à vida, ao outro e ao mundo. Perguntamo-nos: por que existo? Qual a finalidade de minha existência? Como proceder em relação ao meu próximo? Devo ajudá-lo? Até que ponto?

Dentro de um estudo mais aprofundado da filosofia, esta atitude pode ser resumida nos seguintes pressupostos:

- **Dúvida** – Estado do pensamento que, espontaneamente ou deliberadamente, não tem certeza de se adequar ao seu objeto (ou de que o seu objeto lhe seja adequado). (Legrand, 1986) Desconfiar da autoridade e não acreditar de imediato em tudo o que nos falam é um bom exercício.

- **Crítica** – Designa todo o estado de um juízo que vise estabelecer o seu valor ou a sua legalidade de ponto de vista lógico (Legrand, 1986). Em termos do pensamento crítico, deveríamos passar tudo pelo crivo da razão. É por esta razão que se diz que é preferível rejeitar nove verdades a aceitar uma única como erro.

- **Reflexão** – Volta atenta do pensamento consciente sobre si próprio que, tanto sob o ponto de vista psicológico como ontológico constitui a sua principal manifestação. Implica sempre uma “separação” da consciência de si própria, que indica talvez

sua essência. (Legrand, 1986). Nesse sentido, devemos estar sempre remoendo as informações, ruminando aqui e ali para ver um outro ângulo da questão, buscando o aprofundamento e dando respostas corretas.

- **Contradição** – Em lógica, chama-se proposições contraditórias a duas proposições que não podem ser simultaneamente nem verdadeiras nem falsas. (Legrand, 1986) Quer dizer, devemos evitar a expressão dúbia das palavras. Ou seja: sermos coerentes com aquilo que falamos.

O homem não pode ser nem otimista nem pessimista. Dever ver tudo como se fosse um problema que o obriga a pensar. Pensar não por pensar, mas com o vigor intelectual de descobrir a verdade. E para conseguir tal fim, deve adquirir uma postura desarmada, sem preconceitos e sem posições já assumidas anteriormente, isto é, deve estar permanentemente aberto aos novos acontecimentos.

Na filosofia espírita esse mistério se aclara através da “revelação” e da “cogitação”. A “revelação” pode ser humana e divina. No caso é divina, pois reservamos para o campo humano a expressão clássica da técnica filosófica: a “cogitação”. Os Espíritos revelaram a existência do Ser pela comunicação mediúnica (e a provaram pela fenomenologia mediúnica), mas os homens confirmaram essa existência pela “cogitação”, pela pesquisa mental do problema.

Na filosofia espírita, a dualidade de Espíritos da teoria aristotélica não existe. Isto porque os sentidos são apenas instrumentos de captação.

O homem é essencialmente um Espírito; Espírito é substância do homem e o corpo seu acidente.

A percepção, segundo a filosofia espírita, é uma faculdade geral do Espírito que abrange todo o seu ser.

O Espírito é, pois, o grande conhecedor, é o princípio inteligente da Natureza, cuja faculdade perceptiva se desenvolve através de fases sucessivas: sensibilidade vegetal, animal e depois humana.

O processo gnosiológico iniciado na era tribal se desenvolve através das fases anímica, mágica, mítica, mística ou religiosa, atingindo a científica ou racional e passando então à psicológica ou espírita (Pires, 1983).

REFERÊNCIAS

GREGÓRIO, S.B. Filosofia e Espiritismo, disponível em <https://www.ceismael.com.br/filosofia/filosofia-e-espiritismo.htm>
LEGRAND, G. Dicionário de Filosofia. Lisboa, Edições 70, 1986.
PIRES, J. H. Introdução à Filosofia Espírita. 1.ed., São Paulo, Paideia, 1983.